

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO III — Número 997
Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL
Terça-feira, 21 de Fevereiro de 1922
Preço \$10 CENTAVOS
Endereço telegraphico: Talhadas-Lisboa e Telefone 5339-0
Officinas de impressão — Rua da Atalaya, 114 e 115

Que há? Sossêgo, diz o governo, tiroteio farto para os lados de Campolide, a guarda-republicana desar-mada... Entretanto, tudo vai na máxima ordem-burguesa.

OUTRA REVOLUÇÃO NA RUA?

¿ Mais uma vez as paixões e intrigas políticas conduzirão o país a uma revolução sangrenta?
¿ Mais uma vez os que dizem defender a ordem e os "interesses da pátria" irão alterar a ordem e sacrificar os "interesses da pátria" para satisfação das suas ambições?
O proletariado não colaborará com os "amigos da ordem" na alteração da ordem!
O proletariado, que sabe que não chegou ainda a hora da sua REVOLUÇÃO, a REVOLUÇÃO dos escravizados, dos ludibriados pelos políticos, a única REVOLUÇÃO defensável, assistirá como espectador e como vítima forçada ao degladiar dos ambiciosos.
Digam depois que é o operariado o inimigo da república!
Digam que o operariado causa o desassossêgo, destroi a propriedade e a vida alheia!

Quais os intuitos da revolução? Previnam-se os trabalhadores!

Grande azáfama nas forças militares, grande desordem na política. De que se trata? O que é que se passa? Que motivos fortes, imperiosos, determinam o movimento de tropas e a retirada precipitada do governo? O governo, em nota oficiosa, declara ter "tido conhecimento de que estava para se produzir um movimento de carácter político e social".

A Confederação Patronal, por sua vez, envia notas confidenciais aos seus filiados, avisando-os da iminência de um movimento subversivo das classes operárias.

Mas como se certifica tudo isto, se o governo, com o presidente da República se recolheu ao campo entrenchado e deste para a cidadela de Cascais, tudo se dispoza para colocar Lisboa sob um apertado cerco de baionetas e artilharia?

O general Gomes da Costa havia dito, em estilo militar, que o governo Cunha Leal "mangou com a tropa"; nós diremos agora, em gíria popular, que se está "chuchando com o pagode".

Que amalgama é esse de movimentos "político e social"? Que significa o aviso da Confederação Patronal? Como se explica a concentração de tropas e encerramento do governo na cidadela de Cascais?

Das duas, uma: ou o governo, cheio de medo, se esconde — escondendo a verdade e põe em sobresalto as forças da Patronal; ou o governo e a Patronal ensaiam um acto de força contra a classe trabalhadora, sob o falso pretexto de esmagar um fantástico movimento revolucionário dos trabalhadores.

Qual das duas coisas será? Tam tranquilos estamos que chegamos à conclusão de que não é por nenhuma das coisas. Afigura-se-nos que este movimento, que tudo põe em sobresalto, não é senão a repetição, mais correcta, e talvez mais aumentada, dos que o precederam.

Deve ser a explosão das invejas, dos despeitos, das ambições das duas categorias de criaturas que há muito estabeleceram arraiais nos domínios da política deste país. Deverão ser lutas de militares e de bachareis — essas duas classes subdivididas em grupos, que mutuamente disputam a posse do poder.

E' este o triste fadário do Portugal político, que tam profundamente se reflete no Portugal económico. O pior é que o resultado deste crime pesa sempre, preferentemente, sobre a classe trabalhadora. Pesa o pesará, enquanto os trabalhadores não adquirirem a força necessária para fazerem a sua revolução — a revolução emancipadora do trabalho, a revolução social da liberdade.

Em face, pois, das revoluções dos políticos e dos militares, a classe operária, pela sua organização sindical — será necessário proclamar isto mais uma vez? — conserva-se neutra, lamentando a possível perda de vidas e a destruição de algo.

Entretanto, é necessário recordar que certa imprensa chegou a noticiar que se preparava uma greve geral revolucionária. Com que intuitos? Com os de armar à sensação, ou fazendo causa comum com o governo e com a Confederação Patronal no seu desejo de esmagamento da organização sindical?

Eis o que é necessário não esquecer. Eis o que é necessário ter em conta. Toda a prevenção é pouca, nesta hora incerta, de lúgubre tragédia.

No Pelourinho

Palavras necessárias

É impossível tolerar-se por mais tempo no seio da organização sindical o processo baixo, tendencioso e repugnante de que usam certas criaturas, quando se pronunciam sobre determinados assuntos respeitantes a C. G. T. ou à Batalha.

Não pode ser! O processo baixo e capcioso tem que desaparecer dos hábitos dos militantes, ou que como tais se apresentem, para que a organização se dignifique, dignificando-se os próprios militantes.

O militante precisa impor-se, sobretudo, pela honestidade de processos, pela lealdade na discussão, na apreciação de todas as questões sobre que haja de manifestar-se, pela sinceridade, pela nobreza de intuitos, de intenções, calculando em si próprio a validade total e ridícula de pretender ser "alguém" — ainda que não se sinta com forças senão para a maledicência torpe.

Não se é revolucionário — intrigando, mentindo, inflando, deturpando, maliciando, invertendo, porque isso é fazer obra burguesa, reaccionária e da pior, visto que tal obra consiste em dividir — e os burgueses, os dominantes pretendem, e quasi sempre conseguem... dividir — para dominar. E' da sua doutrina — e da sua prática.

Pois bem, esta situação não deve continuar. E' desde este momento iniciaremos uma nova secção des-tinada, unicamente, simplesmente, a aclarar, a esclarecer, a explicar o que acontece — nas reuniões dos organismos centrais, ou nos sindicatos foi invertido — ditos, frases, conceitos, no qual a verdade, a intenção honesta se-ram deturpadas, seja com fins confesso-riais, seja com fins inconscientes.

Temos imenso respeito pela organi-zação de que este jornal é órgão; e a organização não existe só em Lisboa como não é só em Lisboa que a Batalha é lida. Mas relatando-se todas as palavras que certos militantes pronun-ciam em reuniões, na provincia, onde se ignora quem é factor de intriga, faz-se quasi sempre um juízo errado, pois há sempre quem acredite na accusação e tome-a insidiosa como verdade inco-ntestável.

E' preciso conhecer-se o valor mor-al de quem accusa, e nestas condições — entendendo-se bem — nós não iremos criticar com azedume, nem paixão: vamos con-tribuir para que a verdade brilhe — a ver se se força a entrar nos eixos o que deles anda fora.

Quem usar de processos honestos, leais e dignos; quem se preocupar com a grandiosidade da organização, discutindo com elevação e sinceridade, quem se contribui com a sua acção moralizadora apresentando as questões dentro dos princípios, da razão e da justiça; quem, pelo seu procedimento insusceptível, contribua para a elevação do espirito revolucionário da classe tra-balhadora; quem, em suma, está dis-posto a colocar o interesse da organiza-ção sindical acima das suas vaidades, das suas paixões pessoais ou dos seus interesses de partido nada tem que temer. Só pode temer o intriguista, o desonesto, o que parece só viver para a verinha, para a internal obra de divisão.

E sabem porque tudo isto é necessá-rio? Porque não se dizendo quais são as criaturas que procedem incorrec-tamente, não se dizendo os militantes medidos pela mesma bitola, porisso que nunca se chega a saber quais são os verdadeiros culpados da desmoraliza-ção na organização sindical.

Não pode a classe operária, que se estende por esse país fora, estar a sofrer por causa das deslealdades individuais. Exige, não apenas honestidade na admi-nistração da sua coacção, mas, sobre tudo, honestidade, lealdade, espirito de justiça, tanto na critica como no bom combate. E exige com inteira com absoluta razão.

A classe operária, no seu conjunto, não se preocupa, dentro da sua organi-zação de classe, com as questões que se interessam; mas desfogam-se, arrelia-se, chega a abandonar os seus próprios interesses, desprezando os seus orga-nismos, quando observa que os militantes, os que devem ser seus orientadores, os seus guias, não tem bastante isenção, suficiente nobreza na sua conduta den-tro da organização.

E quando o militante, ou quem como tal se apresenta, não respecta a sua dignidade própria, o seu caracter; quan-do falseia conscientemente o seu papel para servir os interesses do partido de

de "A BATALHA"

Já se vêem afixados pelas paredes os nossos "placards"

Está despertando grande entusiasmo entre o operariado *A Semana da Batalha*.

Já em vários pontos da cidade vimos afixados os placards que anteontem publicamos e que hoje repetimos na nossa quarta página.

Este gesto admirável anima-nos, faz-nos confiar num melhor futuro para *A Batalha*. E' preciso que todos os operários conscientes secundem o gesto desses camaradas que afixaram os "placards" pelas ruas.

Estamos já em plena *Semana da Batalha*. Amanhã deve realizar-se a primeira conferência, sendo o conferente pessoa muito conhecida dos trabalha-dores e alvo de muitas simpatias. Amanhã daremos noticia mais pormenorizada sobre esta conferência, convidando o proletariado a fazer-se representar na sua maxima força.

Os sindicatos vão promover "questes" nas oficinas a favor de *A Batalha* para comemorar o terceiro aniversário deste baluarte, que passa depois de amanha.

Estamos convencidos de que a classe operária concorrerá com quanto lhe seja possível a fim de manter o orgão do operariado português.

Sindicato Unico Mobiliário

O secretariado do Sindicato Unico Mobiliário lembra a todos os operários da industria, que, colaborando na manifestação de solidariedade moral e material a favor de *A Batalha*, com-prem um dever como operários cons-cientes.

Sendo da maxima necessidade que ao orgão operário *A Batalha* lhe seja assegurada a estabilidade necessária, para o bom desempenho da sua missão como defensor da classe trabalhadora, o necessário se torna que o operariado mobi-liário, secundando a apelo feito em prol deste jornal, preste toda a sua solida-riedade, quer assistindo às varias ses-sões de propaganda e conferencias que se realizam nesta semana, *A semana da Batalha*, abrindo "questes" em todas as oficinas, entregando o seu produto na rede do Sindicato.

A este apelo devem corresponder to-dos os operários mobiliários, para que as lornas possíveis a expansão e os me-lhoramentos desejados, do diário dos trabalhadores.

Sindicato Unico Metalúrgico

O Sindicato Unico Metalúrgico na sua assembleia geral extraordinária, para se realizar na proxima sexta-feira, para tratar da orientação que a classe deve tomar ante a carestia da vida, tratará igualmente da forma como a classe deve corresponder à necessidade do desenvolvimento de *A Batalha* e bem assim de debater as dificuldades finan-queiras do unico orgão de defesa dos trabalhadores.

Juventude Sindicalista

A comissão executiva da secção da Industria Mobiliária, do Núcleo Juventude Sindicalista, convida o proleta-riado a assistir à sessão de propaganda de *A Batalha* que a comissão de propaganda do Núcleo promove para hoje.

A sessão realza-se na sede do Sin-dicato Unico Mobiliário, travessa da Agua de Flor, 16, 1.º, e nela falarão vá-rios camaradas sobre os fins do diário da organização e os benefícios que presta à propaganda do sindicalismo revolucionário.

Organização sindical. A propósito do incidente entre a C. G. T. e a F. N. C. tem sido dos que mais tem especula-do, não pouco ingenuamente.

Pois sabem quem é o informador e talvez o principal redactor das insidiosas especulações daquele jornal? E' o sr. Manuel de Abreu Vieira, conhe-cido pelo apelido de: "O carvoeiro", que como pillo por costura, se mete em todas as partes, colhendo palavras soltas, ditos muitas vezes sem impor-tância, com que naquele jornal vai alimen-tar o escândalo. Lá esteve na reunião da U. S. O. e no dia seguinte *A Ma-nhã* cantava, estridentemente, a aria da scisão. Pois se é este o desejo da bur-guesia!

Al fics, sem mais comentários, a pre-venção.

NO IMPERIO DE NORTON DE MATOS NA FORTALEZA DE S. MIGUEL

¿ Ignorará o Alto Comissário as barbaridades cometidas pelo te-nente-coronel Farinha Beirão?

O bárbaro autor dos bárbaros crimes da Fortaleza de S. Miguel, praticados com a maior crueldade, com a mais requintada maldade, é o tenente-coronel Farinha Beirão.

A sua ferocidade é tanta, a sua sede de sangue é tam insaciável que às vezes, passando-se algumas horas sem ter uma vítima na sua frente junto à sua secre-taria cheia de pontas de cigarro, cheia de cinza, imunda que dir-se-ia, o tenente-coronel, com o cigarro ao canto da boca, as mãos nos bolsos, de aspecto sombrio, começa a passear em frente das janelas da secretaria, olhando os desgraçados que, para satisfazerem a vontade absoluta, andam a transpor os padilhos de arca, a ver de qual dos escravos há de improvisar mais uma vítima. Junto às escadas da secretaria vê um homem estacionar, que pertence ao número das suas vítimas mas já livre havia muito tempo. Ao vê-lo, a hiena pergunta-lhe brutalmente: — Que faz você aí, seu cão?!

— Estou à espera do sr. tenente Ca-macho, com quem preciso falar... — responde titubando, ao ver o algoz.

— Você julga que por ser livre lhe não mando partir um braço, seu cão?!

E' um verdadeiro tarado. Aos pró-prios oficiais, exteriorizando as suas fer-ocidades e a sua severidade militarista, trata-os por brutos, cães, parvos, es-túpidos e patetas!

Várias aventuras brutais de Farinha Beirão que tra-duzem bem a sua fero-cidade inconcebível

Certo dia, estando a almoçar em sua casa, juntamente com uma mulher que tem na sua companhia e com um tal tenente Faria, um filho, irmão e pa-drinho do maior cinismo, inesperadamen-te dá um grande murro nos peitos dela, que ao recebê-lo caiu imediata-mente da cadeira, fregido o outro mi-serável pela porta fora!

Um certo domingo, indo à pesca para os lados de S. Pedro da Barra, acom-pañado de outros oficiais, levando tam-bém, como criados, alguns condenados, por cá e ali aquela palha, agarra na ca-beça de um dos desgraçados, amea-çando-o de morte!

Como as canoas em que ele e os do seu séquito iam à pesca tivessem sido amarrados pelos cabos junto a praia no dia anterior, não ao encontrando no mesmo sitio quando lá chegaram a fera im-provisou logo duas vítimas, dizendo que tinham sido condenados que as ti-nham desamarrado para ele não poder ir pescar. Os homens sentiram logo caí-lhes o coração aos pés! Presentando as torturas cruéis a que ele era capaz de os submeter, dirigiram-se-lhe: — Oh! meu comandante!... as canoas ficaram amarradas ontem à noite, com V. Ex.ª sabe, e nós ficamos na Forta-leza!

O diabo sombrio não respondeu. Aca-bada a pesca mandou os homens para a fortaleza, para darem entrada nos seus imundos e acanhados calabouços. As pobres vítimas inocentes, calculando que se a nitida demonstração da verda-de os poderia salvar da sua ferocidade, procuraram perguntar como e quem havia solto as canoas. Logo de manhã, a pedido das vítimas, apresenta-se na secretaria, ao Beirão, uma senhora a esclarecer o assunto, dizendo-lhe que os homens estavam inocentes, pois que as canoas haviam sido soltas pela noite por uns bebados — tal como se dizia ter sido visto pela guarda fiscal. Apenas a senhora virou costas, mandou chamar os desgraçados e começou a gosar, enquanto a bruta palmatória lhes pisava e rasgava as mãos! Não satisfeita ainda: — Casa da call... ferros aos pés, trinta dias a pão e água a esses cães! — E vinha à janela ver as vítimas a caminhar do forno, pela parada fora, de-sesperados, em altos gritos, com as mãos negras como o coração da fera, a minúsculo proporções eno-me!

NOTAS & COMENTARIOS

A capital em Coimbra Diz-se que o governo pensa em mudar para Coimbra a capital do país. A ideia é feliz e mere-ce aplausos. Mudar-se-ia para uma forma-da cidade do Mondego, as revoluções que tantos transtornos causam. E' justo que Lisboa descanse, ao menos durante oito dias.

A geração nova O sr Luis Vieira de Castro defende a causa do rei, com unhas e dentes. Tudo estaria muito bem se o illustre articulista se limitasse a falar em seu nome ape-nas. Mas não, falou em nome da sua geração como se toda a sua geração adorasse de joelhos, como ele adora, o honhado regime monárquico. Perdão, sr. Vieira de Castro, há muito mais da sua geração que não querendo a re-pública, muito menos ama a monar-quia. E essa parte da geração que teima em esquecer também pesa um pouco na balança da politica.

Os excursionistas americanos E' na proxima quinta-feira que chegam a Lisboa os tais 750 excursionistas americanos de que falamos há dias. Oxalá os dias este-jam bons, para lhes mostrarmos o seu azul, a unica coraõa digna de ver-se que existe em Portugal.

A arte e os artistas

Abriu ontem na Sociedade Nacional de Belas Artes a exposição do sr. António Carneiro.

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 21 ho-ras, o Comité Confederal.

Congresso Nacional Operário

Hoje, pelas 21 horas, reúne a comissão organizadora do Congresso Nacional Operário.

Conferencias

No Sindicato Unico Metalúrgico

Por motivo da greve dos cama-radas da Carris, a comissão admi-nistrativa, de acordo com a com-missão de melhoramentos, resol-veu prevenir a direcção da Uni-versidade Popular para suspender as suas conferencias na sua secção instalada no Sindicato, enquanto durar a greve.

Por tal motivo, so previnem to-dos os camaradas interessados.

A arte e os artistas

Abriu ontem na Sociedade Nacional de Belas Artes a exposição do sr. António Carneiro.

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 21 ho-ras, o Comité Confederal.

Congresso Nacional Operário

Hoje, pelas 21 horas, reúne a comissão organizadora do Congresso Nacional Operário.

Conferencias

No Sindicato Unico Metalúrgico

Por motivo da greve dos cama-radas da Carris, a comissão admi-nistrativa, de acordo com a com-missão de melhoramentos, resol-veu prevenir a direcção da Uni-versidade Popular para suspender as suas conferencias na sua secção instalada no Sindicato, enquanto durar a greve.

Por tal motivo, so previnem to-dos os camaradas interessados.

A arte e os artistas

Abriu ontem na Sociedade Nacional de Belas Artes a exposição do sr. António Carneiro.

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 21 ho-ras, o Comité Confederal.

Congresso Nacional Operário

Hoje, pelas 21 horas, reúne a comissão organizadora do Congresso Nacional Operário.

Conferencias

No Sindicato Unico Metalúrgico

Por motivo da greve dos cama-radas da Carris, a comissão admi-nistrativa, de acordo com a com-missão de melhoramentos, resol-veu prevenir a direcção da Uni-versidade Popular para suspender as suas conferencias na sua secção instalada no Sindicato, enquanto durar a greve.

Por tal motivo, so previnem to-dos os camaradas interessados.

A arte e os artistas

Abriu ontem na Sociedade Nacional de Belas Artes a exposição do sr. António Carneiro.

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 21 ho-ras, o Comité Confederal.

Congresso Nacional Operário

Hoje, pelas 21 horas, reúne a comissão organizadora do Congresso Nacional Operário.

Conferencias

No Sindicato Unico Metalúrgico

Por motivo da greve dos cama-radas da Carris, a comissão admi-nistrativa, de acordo com a com-missão de melhoramentos, resol-veu prevenir a direcção da Uni-versidade Popular para suspender as suas conferencias na sua secção instalada no Sindicato, enquanto durar a greve.

Por tal motivo, so previnem to-dos os camaradas interessados.

A arte e os artistas

Abriu ontem na Sociedade Nacional de Belas Artes a exposição do sr. António Carneiro.

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 21 ho-ras, o Comité Confederal.

Congresso Nacional Operário

Hoje, pelas 21 horas, reúne a comissão organizadora do Congresso Nacional Operário.

Conferencias

No Sindicato Unico Metalúrgico

Por motivo da greve dos cama-radas da Carris, a comissão admi-nistrativa, de acordo com a com-missão de melhoramentos, resol-veu prevenir a direcção da Uni-versidade Popular para suspender as suas conferencias na sua secção instalada no Sindicato, enquanto durar a greve.

Por tal motivo, so previnem to-dos os camaradas interessados.

A arte e os artistas

Abriu ontem na Sociedade Nacional de Belas Artes a exposição do sr. António Carneiro.

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 21 ho-ras, o Comité Confederal.

Congresso Nacional Operário

Hoje, pelas 21 horas, reúne a comissão organizadora do Congresso Nacional Operário.

Conferencias

No Sindicato Unico Metalúrgico

Por motivo da greve dos cama-radas da Carris, a comissão admi-nistrativa, de acordo com a com-missão de melhoramentos, resol-veu prevenir a direcção da Uni-versidade Popular para suspender as suas conferencias na sua secção instalada no Sindicato, enquanto durar a greve.

Por tal motivo, so previnem to-dos os camaradas interessados.

Tiroteio em Campolide

Um grupo civil armado passou em Campolide, em direcção ao quartel de artilharia 1. A sentinela mandou-lhe fazer alto, ao que o grupo respondeu com tiros de pistola, hipostando a sentinela com tiros de espingarda. Estabeleceu-se confusão, pânico, desaparecendo os indivíduos que faziam parte do referido grupo.

Feita uma batida aos arredores, nada foi encontrado, nem mesmo morto.

Em que ficamos?

Depois das 3 horas da manhã chegamos às informações seguintes: Deram entrada no Arsenal do Exército as baterias de artilharia, os obuses e as metralhadoras pesadas com que estava armada a G. N. R. Esta entrega foi executada depois duma conferência realizada entre o sr. Vieira da Rocha, comandante da G. N. R., e o chefe do governo, assinando a posse daquele armamento, no Arsenal, o tenente-coronel sr. Rêgo Chaves.

Parece, porém, que não se fica por aqui. Possível é que se siga a revanche. Ou não?..

A paralisação das obras da construção civil

Reúnem anteontem os operários da construção civil na sede do sindicato. Na reunião que foi presidida pelo camarada José Esteves, secretário por Luis Correia e João Gomes, usaram da palavra Vicente Barbosa, Avellino Pinheiro, Marcelino Silva, João Jorge, Carlos Coelho, Francisco Luis e João Caldeira. Todos os oradores se congratularam pelo fracasso do "lock-out" dos construtores civis. Foi marcada largamente a assembleia de amanhã para a discussão da atitude provocadora, assumida no conflito pelo industrial e construtor civil Martins Júnior.

Este indivíduo procurou obter o pagamento aos operários dos dias que foram forçados a perder, devido à paralisação das obras pelos construtores civis.

Devido à ponderação de alguns camaradas não houve incidentes lamentáveis, visto que o referido construtor desafiava os operários e declarava que estava armado para devidamente os receber. Este indivíduo acabou por pagar os dias ao seu pessoal e escreveu aos construtores notificando-lhes a sua resolução e convidando-os a pagar os dias aos operários.

Alguns industriais fizeram o pagamento no sábado último, não tendo os outros feito por impossibilidade momentânea, mas fá-lo-ão durante a actual semana.

Manuel dos Santos, secretário geral da comissão de melhoramentos, relatou à assembleia o compromisso tomado pelo governador civil para que se fizesse justiça aos operários, tornando responsáveis os construtores no que viesse a acontecer, e referindo-se às "demarches" efectuadas para resolução do conflito.

No modo como o conflito foi solucionado se demonstrou quanto pode a organização desde que todos mantenham uma atitude de coerência. O orador aconselha os operários a quem os construtores civis se recusam a pagar as férias a dirigirem-se ao sindicato como a nota dos nomes e moradas dos mestres, a nota do pessoal, salário e as respectivas profissões a fim de ser feita participação ao Tribunal de Arbitros Avidores.

Terminou por aconselhar os operários que não estão sindicados a fazerem, contribuindo assim para o robustecimento da organização.

A sessão, que decorreu animadíssima, terminou no meio de vivas à organização operária e à Batalha.

Vida anarquista

Os Emancipados — Reúnem, ontem, apreciando diversos assuntos e sentindo alguns de alta importância. Resolvem reunir hoje, pelas 20 horas, pedindo-se a presença de todos os seus componentes. Que nenhum falte.

Vida política

Grupo Solidariedade Comunista. — Este grupo reúne amanhã, pelas 21 horas, para aprovação definitiva do seu regulamento estatual.

da fera do antro da dor, do suplicio e da mais conivente miséria, recebeu a indelicadeza, como era de esperar. Pouco tempo depois arbitrariamente fez de administrador de concelho e a ordem e responsabilidade sua mandou prender a senhora e um pequeno e meteu uma e outro na fortaleza, onde os teve quinze dias. A senhora, vítima de tal infâmia, em vão pediu ao verdugo que dispunha da sua liberdade, dos seus direitos e da sua casa abandonada, como dispunha da liberdade de seu marido cumprindo uma sentença dupla. Fez um requerimento ao chefe do Estado Maior pedindo a sua liberdade, mas a fera não obedeceu, segundo se dizia ao seu chefe. Foi necessário ordem do governador.

Enfurecido por não ter a vítima presa durante o tempo que lhe apeteceu, exteriorizava a sua cólera contra o marido, orobiando-lhe a visita de sua esposa e a entrada de comida, sendo para tal fim preciso recorrer ao governador, visto o carcereiro não obedecer às ordens do Quartel Geral.

Continuaremos.

AS GREVES

Pessoal da Carris de Ferro

Com a mesma solidariedade mantêm-se a greve do pessoal dos eléctricos, que, num gesto digno e elevado, abandonaram o trabalho como protesto contra o despedimento de dois camaradas.

Tem a imprensa burguesa, em ataques furiosos, procurado desvirtuar a nobreza deste movimento, indispondo o público com o pessoal dos eléctricos e chegando a afirmar que uma grande parte deste se encontra coagido e portanto se acha disposto a retomar o trabalho.

A desfazer por completo tais afirmações, estão as assembleias magnas do pessoal onde se tem conservado sempre a mesma unidade de vistas e a sua repulsa aos venenosos ataques daquela imprensa.

Ontem realizou-se uma assembleia do pessoal, que esteve concorridíssima, presidindo José Augusto Martins e secretariando Fernando Antunes e José dos Santos.

Foi lida uma carta de camarada V. da Silva, indicado n.º 2186, que exorta a classe a manter-se unida e protestando contra o facto de haver indivíduos que não são condutores nem guardas-freios e se prestam a estar ao serviço da Companhia.

O camarada presidente diz que não se tem recebido a classe dos militares de engenharia, porquanto eles também são operários.

Refer-se ao facto de certa imprensa dizer que o petardo que rebentou talvez fosse de xado pelos operários, lavrando o seu protesto contra tal insidiosa afirmação. Acrescenta que, caso consigam pôr a circular alguns carros, não estranhem ver militares com fardamentos do pessoal para assim iludir o público, aconselhando, portanto, a que se conservem todos firmes como até aqui.

Carvalho diz que quanto mais dura a luta mais se encontra satisfeito, devido à solidariedade da classe. Censura o procedimento dos jornais burgueses e em especial de *A Imprensa da Manhã*, que, entre outras notícias que tem dado a público, diz que o presidente do ministério tinha oferecido um lugar nos correios aos dois camaradas perseguidos. Pede à assembleia que se manifeste por ou contra a continuação da greve, para se demonstrar a essa imprensa qual a atitude do pessoal. A assembleia manifestou-se unanimemente pela continuação da greve até que sejam satisfeitas as reclamações.

Anibal de Oliveira entende que, apesar de tudo, é preciso estar vigilante, censurando alguns porteiros e serventes dos escritórios que se encontram ao serviço.

Segue-se Antonio da Silva, que se refere à maneira como certa imprensa se tem ocupado do movimento, atacando o pessoal pelo seu gesto digno, parecendo haver não estranha a dirigir esses ataques. Refer-se às licenças com vencimentos e à Caixa de Reformas, dizendo que o pessoal tem descontentamento saber para quem. Alarga-se ainda em várias considerações, aconselhando a máxima solidariedade.

José Nunes Martins exorta a classe a manter-se firme, porque os estrangeiros não estão em país conquistado. Diz que todos devem saber agir para que as suas companheiras e filhos não morram pela fome.

Falam ainda o presidente, Joaquim Dias Pereira e Manuel Rôlo, que se congratulam pela união da classe.

Claudio dos Santos, da comissão de melhoramentos, expõe as demarches efectuadas sobre os camaradas presos, dizendo que os guardas as capturas querem vingando-se, acusando-os de deslealdade, sendo os guardas as próprias testemunhas, acrescentando, porém, que o chefe da esquadra do Calvário é o primeiro a garantir que os camaradas presos não faltaram ao respeito.

Ocupa-se também dos ataques da imprensa burguesa e lembra o compromisso das camaradas maquinistas, que abandonaram o trabalho se para lá fossem criaturas estranhas, o que sucedeu.

Foi em seguida comunicada à assembleia a prisão dos camaradas Joaquim da Costa e José Bento, por andarem a distribuir manifestos.

Apreciaram-se também umas projectadas vinganças do director inglês sobre o pessoal.

A assembleia decorreu sempre com grande entusiasmo, sendo os oradores constantemente interrompidos com vivas à solidariedade do pessoal da Carris, à organização operária, etc.

Hoje efectua-se nova assembleia, pelas 15 horas.

NOTA OFICIOSA

A todos os assalariados da Carris de Ferro

Presados camaradas: Mais uma vez, ao passar o 5.º dia de greve, este vos saúda confiado que sabereis como até aqui manter em respeito os inimigos da classe operária.

Continuamos a afirmar que já hoje alguns carros devem circular tripulados por militares.

Olha a grande coisa!

O tempo que os engenheiros militares trabalham na sua reparação era já suficiente para grande parte do material estar reparado. Porém tal não sucede e se alguns carros saírem, depressa terão que recolher rebocados por camions.

Continuamos a garantir que sem que a benemerita Carris anule os castigos impostos aos nossos camaradas Marques e Ferreira jamais se conseguirá normalizar o serviço.

De tudo isto o público pega a responsabilidade aos três mandos ingleses: Holkhorst, Bell e Clark, que arrastam o pessoal para a luta com o fim de facilitar mais um assalto à bolsa da população lisboeta. O estratagemma não dará, porém o resultado desejado.

Presados camaradas: A imprensa burguesa e mercantilista tem especulado com o nosso movimento, chegando a afirmar que o actual movimento grevista é sustentado por meia dúzia de indivíduos. Como se torna necessário e urgente responder a tão vil e ignóbil campanha, este comité declara, que o actual movimento é de inteira responsabilidade de todos os assalariados da Carris, pois que quando da solução da última greve ficou assente que a

dar-se a mais pequena represália, rebenaria imediatamente nova greve. Esta resolução foi comunicada não só ao governo como também à própria Companhia.

Camaradas: Continui na continuação da luta pois que dela depende a nossa vitória.

A's quixotesas arremeladas do governo e da Companhia respondeu com a nossa Solidariedade.

Então os camaradas não sabem que estamos na época carnavalesca, e naturalmente governo e companhia pretendem fazer alguma entrada?

Camaradas: Quando este comité elaborava a presente nota, foi informado por um seu delegado de comunicação, que quando na geradora se apresentaram os marinheiros para trabalhar, os maquinistas portugueses abandonaram a fábrica.

Oxalá que os encarregados dos "carbons" e das oficinas lhe sigam o exemplo, para não terem que forçar este comité a tomar medidas mais enérgicas.

Sob as notícias vindas a público de que grande parte do pessoal vai abandonar o movimento, não vale a pena perder tempo a desmentir-las. A Companhia e o governo que se preparem para receber o pessoal que com certeza se apresentará ao trabalho, mas só quando o conflito seja solucionado.

Até ao termino, este comité declara, na ter a classe que representa com os boatos que correm sobre a alteração da ordem burguesa.

Queiréis ter disto a confirmação? Atendam-nos no que reclamamos e a greve terminará como por encanto!

Avante pela readmissão dos demitidos!

Viva a emancipação dos povos! Vivam as classes em luta!

Viva a Confederação Geral do Trabalho!

O sub-comité executivo

Aos senhores oficiais da marinha mercante

Corações cimentados pela dor humana! Criaturas que olhais o mundo e tendes deixado a mocidade longe da terra que vos serviu de berço!

Havéis de ouvir com a consciência própria de quem sois, para que a justiça se curve ante todos os que nesta hora esperam a solução dum conflito que traz pelas ruas da capital tanta boca esfofada!

Valentes homens do mar! Homens de 1920, que parte de vós, entrasse em 1920, pela primeira vez, numa massmorra, só porque defendeis um direito que nos pertencente. Então eramos nós que sendo lesados, reivindicávamos activos a conquista a que tínhamos jus!

Eramos feridos e atingidos na nossa dignidade profissional, e foi então que, após o silêncio mais profundo nas lides cotidianas do mar, as classes marítimas, num amplo e fraternal, pondo-se ao lado de todos nós, mostraram a alta consideração em que nos tinham e vieram para a rua em nossa defesa.

Quasi dois anos são decorridos, e o caso hoje é bem diferente.

A vida tem se tornado espinhosa para quem não ajuze o suficiente; as traficâncias sempre feitas por aqueles que a um balcão vendem a consciência, tem crescido, e os géneros alimentícios, casa e vestuário, tem subido de forma a que obrigar o que necessita a andar estarrapado, e ajuda a dar entrada num hospital porque a fome o vai mirando.

É devido à diminuição soldada, os marinheiros declararam-se em greve como sobejamente se sabe.

E eu, que de há anos trabalho em defesa da justiça dos que labutam, encorajei-me a vir mais uma vez com a luta da palavra escrita exibindo rudemente a pena como espada e a verdade como um Direito! Constatam-se a cada instante factos passados em toda a parte, de Luis XIV a Millard, de Ulysses à R. pública, e em defesa da Marinha Mercante Nacional e da classe de que é composta nada sediz. Profetizam-se fantasmas e coisas, e a Marinha Mercante sempre numa decadência vergonhosa!

Afilho hoje é maior.

Luta-se com a fome e espera-se de que lado será a vitória. As classes marítimas em greve precisam que haja alguém que lhes dê apoio, e esse tem que partir de todos os mar. Já aqui dizem que não vinhamos para a rua, mas pelo menos, ergueria a voz pelo mundo inteiro encorajando como Cayo em imploreiro de todos os briosos oficiais desta classe, que não seguissem para o mar com pessoal da armada, para o bom nome e prestígio nosso.

Fui informado de que os navios iam para o mar com oficiais da armada, e é então que nós nesta hora, devemos ser fidelíssimos mais do que nunca, mostrando a quem competir casos desta ordem, que conhecemos os direitos que nos pertencem, e que a marinha mercante foi criada para aqueles que lá têm visto o embranquecer dos cabelos!

Aguardemos os casos e vos conservareis sempre o mesmo rasgo de heróis! Os senhores armadores que visitem as casas de penhores e vejam como acumulam dia a dia os objectos.

Mantas Massana.

Classes marítimas

NOTA OFICIOSA

Camaradas: Agravou-se o conflito por virtude da irreductibilidade por parte dos armadores. O sr. Emilio Burnay, não encontrando uma solução satisfatória para as duas partes em litígio, viu-se forçado a depor o seu mandato do cargo para que se achava investido. Da mesma forma entendeu fazer a comissão de demarches perante o comité, por ver a mesquinhez dos aumentos oferecidos pelos armadores, pois estes senhores, com excepção da C. N. N., que oferece 25500, não se dispõem a aumentá-los mais que 10500. Camaradas: o nosso dever é manter uma forte solidariedade, lutando sem libezas pelo nosso país e de nossos filhos. Os senhores armadores, talvez instigados pela negrejada Confederação Patronal, parecem estarem na disposição de nos vencer pela fome. Mas que se acatelem porque a fome é má conselheira e leva a todos os extremos.

Talvez que esta atitude por parte dos armadores seja motivada por nós nos

nostros movimento não termos exercido uma acção mais enérgica.

É provável que se enganem. Camaradas: devemos lutar por todos os meios ao nosso alcance, para que os nossos filhos não possam, de futuro, apelar semus pais decobardes.

Os senhores armadores não sentiram nunca a fome, nem assistiram uma só vez a que os filhos lhes pedissem pão sem terem para lho dar.

Se o sentissem e presenciassem, por um motivo como este, teriam infatigavelmente que achar-lhe razão. São tam mesquinhos esses senhores, que tem o desprazite de nos oferecer 10500, sobre ordenados mensais de 25500, 100500 e 110500 escudos, numa ocasião em que para 4 pessoas de família se vive mal com 15500 diários.

Só por ironia se pode conceber semelhante ideia. Mas compreende-se; enquanto os párias morrem de fome e frio, estes senhores esbanjam dinheiro em orgias, escarnecendo os párias e reclamam a todos os momentos ordem, e os fomentadores da desordem. Lutemos camaradas, e façamos sentir a esses senhores de que estamos dispostos a agir por todos os meios.

Não se convençam eles de que a nossa docilidade se não pode mudar em revolta.

O comité avisa todos os camaradas de que as reuniões de hoje se efectuam pelas 11 horas da manhã, para tomar resoluções de grande importância. O comité avisa todos os camaradas que tem a receber pagamento em atraso nos T. M. E., que os mesmos são feitos pela seguinte ordem:

Vapor "S. Vicente", às 10 horas da manhã de hoje, no commissariado; vapor "Lagos", às 11 horas no mesmo local; vapor "Peniche", às 12, na secção dos capitães; vapor "Coimbra", às 13, na mesma secção; vapor "Índia", às 13, idem; vapor "Congo", das 14 às 15, na Rocha do Conde de Obidos.

Avante camaradas! Viva a solidariedade operária! Viva a greve das classes marítimas! Viva a Federação Marítima! Viva a C. G. T. Viva o jornal *A Batalha*! — O Comité.

Maquinistas fluviais

NOTA OFICIOSA

Camaradas: Em face da criminosa insubordinação dos armadores em não quererem aceitar a plataforma apresentada pelo delegado do governo, demonstrando assim que só eles é que fazem a greve e não nós, cabendo-lhes portanto toda a responsabilidade, e fazendo com que o mesmo delegado se demittisse, por não estar disposto a tolerar a incorrecção dos mesmos armadores, porque nem resposta alguma lhes deram, resolvemos continuar no nosso trabalho, por isso, todos os camaradas a não desarmarem nem desanimarem, porque de outros meios ao nosso alcance a ainda dentro dos meios que a lei e bom senso nos manda, vamos lançar mão, bem assim lançaremos um manifesto ao público, no qual demonstraremos quais as manigancias e lucros fabulosos com que os armadores se lucrotam.

O comité está disposto a ir até onde possa, auxiliado sem restrições por todos os camaradas, enviando mesmo junto do governo uma comissão que lhe fará ver a anormalidade desta situação, que só parte de quem todo o manda para satisfação dos seus caprichos, levando mesmo até ao desespero todos aqueles que necessitam de um bocadinho de pão, pois que é por ele que nos encontramos em luta.

Avante, pois, e não desanimar. Viva a greve! — O Comité.

Soldadores de Almada

ALMADA, 19. — Encontra-se no mesmo pé a greve dos soldadores da fábrica de conservas Invenível Lda. Tem sido muito apreciada a estreita solidariedade dos grevistas. Os soldadores das outras fábricas, que estão sindicados, tem concorrido com 10 % dos seus salários para auxiliar os seus camaradas em greve.

O sr. César, gerente da fábrica, continua supondo que os grevistas acabaram por submeter-se à sua vontade despótica. Damos por certo que as suas esperanças serão flúidas. Sobre este sr. muito há a dizer. Ficará para melhor oportunidade. O "vru" de que este sr. se serviu em resultado de deslealdade. Mas até ao lavar dos céus é de julgar.

A BATALHA

Ante-penúltima HOJE DIA DE JUÍZO

Recin de Castello Branco Saravilh

Compunha em operários ARMANDO VASCONCELOS

da qual faz parte a actriz AUSENDA D'OLIVEIRA

Grandioso sucesso

A encantadora e festejada ópera

TEATRO SÃO LUIS

Compunha em operários ARMANDO VASCONCELOS

da qual faz parte a actriz AUSENDA D'OLIVEIRA

Grandioso sucesso

A encantadora e festejada ópera

COLISEU DOS RECREIOS

Hoje-A's 20.45 (8.34)-Hoje

O melhor espectáculo de Lisboa

Ultima semana da actual

Grande Companhia de Cello

Carnaval

BILHETES À VENDA

*****</

A BATALHA no Porto

CRÓNICA

Contra a gorgeta. — Em que se rebatem afirmações do «Diário de Notícias»

Uma entrevista publicada no *Diário de Notícias* sobre a debatida questão da gorgeta, veio novamente avivar aqui no Porto, entre os empregados de cafés, hotéis e restaurantes, a necessidade da gorgeta terminar. Como os leitores de *A Batalha* devem estar lembrados, houve, há meses, uma greve contra o sistema gorgetivo, reclamando o pessoal dos cafés um justo salário, visto que sendo trabalhadores, tem direito a uma paga condigna e não a uma aviltante esmola.

O movimento perdeu-se devido a um conjunto de circunstâncias, a mais importante a de não estar ainda adrestrada, como as outras classes, para as grandes resistências, para as grandes lutas. Contudo, ainda ficou um bom punhado de empregados de cafés e restaurantes que defende a abolição imediata da gorgeta.

Sabedores do que se passa entre a classe apontada, que tem apreciado as considerações feitas pelo jornal acima referido, resolvemos-nos ir entrevistar um dos mais inteligentes membros da classe dos empregados de cafés, hotéis e restaurantes e um dos mais fervorosos inimigos da gorgeta. Mal nos tínhamos ainda abeirado dele e arriscado ao que iam, e já um sorriso francez lhe aflorava aos lábios.

Registei, disse-nos, continuou o mesmo partidário intransigente da eliminação da gorgeta, não só por ser vantajosa para quem a dá e para quem a recebe, mas principalmente porque a gorgeta não faz do empregado um bom empregado, despertando-lhe a vontade de um excelente serviço, fomentando-lhe a franqueza de um bom cidadão; torço-o, deturpo-o, aniquilo-o que há de mais respeitável! — a consciência e o carácter, tornando-o um egoísta, um invejoso, um odioso e muitas vezes, um falso amigo do freguês.

Como nos confessásemos admirados, ouvindo um exágeo que acabávamos de ouvir, o nosso amigo esclareceu-nos: — Não se espante, apresentarei alguns exemplos irrisórios, porque o gesto sempre de apresentar argumentos convincentes. Fala-se para aí muito na gorgeta, que a gorgeta faz no empregado; sim, a gorgeta faz do hipocrisista, do insincero, do homem repressivo e por vezes cômico, que se quebra em curvaturas de espinha e esmaltações semelhantes às cortezias dum praça de touros. O sorriso neta nasce da alma, sai-lhe do apetite do interesse mais cego e que não conhece ninguém, ficando-lhe os olhos murchos que está na bandeja e que desce para a mão do freguês. A gorgeta, pois, tem este condão mágico: o de desdobrar o indivíduo num outro, o de substituir um tipo de homem por outro tipo, que, se fosse bem conhecido do freguês, ele revoltar-se-ia, certamente, e a gorgeta, contra a gorgeta. Justificamos-nos...

E o nosso entrevistado fez uma pequena pausa, como quem está a recordar-se de factos que não lhe ocorrem à memória com a rapidez desejada. — Uma noite estavam dois fregueses a jogar as damas. Um costumava dar de gorgeta \$50, o outro apenas \$10. Entre os dois ficou combinado que aquele que perdesse pagaria a gorgeta. Quis a sorte que perdesse o \$10. Era de esperar que o criado ficasse fulminantemente satisfeito por ter ganhado aquele que mais costumava brindá-lo com esmola mais elevada, e não é verdade?

— Sim, pelo menos não concebemos outra coisa, disse-me nós. — Mas, qual que! sucedeu exactamente o contrário. Quando o da gorgeta de \$10 pagava a despesa, muito facilmente se tornava o empregado a dizer: «Preferia antes que o outro senhor perdesse...» Porquê? — pergunta-lhe o pagante. — Porque se o outro perdesse, era ele que teria que pagar e eu receberia \$50 de gorgeta e não \$10.

— Vistas bem as coisas, foi uma censura indevida, grosseira e injusta para um freguês e um estúpido desejo de inimizade para o outro. Porque dos pequenos sintomas se pode avaliar as grandes doenças, porque das pequenas ações se pode adivinhar as grandes.

— Ora isto acontece em todos os outros jogos, e quando o criado não tem a coragem de exteriorizar como o indicado, fica, no seu íntimo, quasi que a praguejar pelo insucesso da esmola maior.

— Casos esporádicos — aventamos... — Não senhor, em geral, é assim. Não é, porém, só nos cafés que se dá isto. Vamos aos hotéis. São casos dos mesmos que conheço, passados comigo e outros contados por colegas meus, nesses cafés espeluncas onde nesta quadra de inverno o pessoal desempregado se junta e faz a história dos factos passados nos hotéis das praias e termas.

Um hóspede, que se fazia acompanhar da esposa e de uma filha, já mulher, depois de num certo dia, haver terminado o almoço, pediu contas ao chefe,

retirando-se para o seu quarto, enquanto o referido chefe se dirigia para o escritório. Momentos após, aquele empregado batia à porta do quarto do hóspede, entregava-lhe a conta e recebia a gorgeta. Mas o chefe não ficou contente com a esmola, e ficou muito bruto, fez a nota em pedaços, atirando-os para a família hospedeira, esta repartiu nos fragmentos da nota, alguns em ahi de espanto e muitos de córa. Tinha compreendido o gesto insolente e eu tive pena dele, porque na ocasião eu presenciava este acto. Mal a minha mãe próxima desta cidade quando um outro chefe já entregava uma conta no montante de 800\$00, encontrou o freguês num patamar, e entregou a importância devida e mais \$50 de gorgeta, por não poder, talvez dar mais na ocasião. Quando ia a desviar-se para o lado, o hóspede, pesando os 60 anos, desequilibrado e a rolar pelas escadas, feriu-se gravemente no nariz. Era humano que o chefe acudisse com o socorro, prestasse-lhe os primeiros cuidados; mas não, fugiu, riu-se, pelas escadas acima, e dizendo à família do freguês — 3 senhores e um filho — que se abeirara dele e fez-lhe perguntas aflitivas «não sei, calui», retirando-se por outro lado de escada. Eu, que apareci no momento do desastre, conduzi para um lavatório próximo do pobre do velhete. Passados momentos, estava eu, o ferido e a sua família, numa dependência qualquer do hotel; chegando, apressado, o chefe, disse-me: «Não se preocupe, não se preocupe, a gorgeta não morreu! Imagine o efeito que esta pergunta causou naquela família! Tudo isto porque? Porque o hóspede só tinha dado de gorgeta \$50...» Alí está o tal serviço bem feito, tal estímulo, a tal estímulo de que tal sr. Eugénio de Almeida: o serviço bem feito para quem mais dele se estimula do ranço para quem não dá mais largas na esmola, a emoção que faz perder o sentimento de humanidade para se passar a ter instinto de animal feroz... Eis o resultado do sistema da gorgeta.

E a um gesto de assembramento: — Não se exagere. Há muitas coisas a contar, a desvendar, como, por exemplo, o lápis mágico, que regula a situação financeira do empregado e que a gorgeta faz no empregado; sim, a gorgeta faz do hipocrisista, do insincero, do homem repressivo e por vezes cômico, que se quebra em curvaturas de espinha e esmaltações semelhantes às cortezias dum praça de touros. O sorriso neta nasce da alma, sai-lhe do apetite do interesse mais cego e que não conhece ninguém, ficando-lhe os olhos murchos que está na bandeja e que desce para a mão do freguês. A gorgeta, pois, tem este condão mágico: o de desdobrar o indivíduo num outro, o de substituir um tipo de homem por outro tipo, que, se fosse bem conhecido do freguês, ele revoltar-se-ia, certamente, e a gorgeta, contra a gorgeta. Justificamos-nos...

E o nosso entrevistado fez uma pequena pausa, como quem está a recordar-se de factos que não lhe ocorrem à memória com a rapidez desejada. — Uma noite estavam dois fregueses a jogar as damas. Um costumava dar de gorgeta \$50, o outro apenas \$10. Entre os dois ficou combinado que aquele que perdesse pagaria a gorgeta. Quis a sorte que perdesse o \$10. Era de esperar que o criado ficasse fulminantemente satisfeito por ter ganhado aquele que mais costumava brindá-lo com esmola mais elevada, e não é verdade?

— Sim, pelo menos não concebemos outra coisa, disse-me nós. — Mas, qual que! sucedeu exactamente o contrário. Quando o da gorgeta de \$10 pagava a despesa, muito facilmente se tornava o empregado a dizer: «Preferia antes que o outro senhor perdesse...» Porquê? — pergunta-lhe o pagante. — Porque se o outro perdesse, era ele que teria que pagar e eu receberia \$50 de gorgeta e não \$10.

— Vistas bem as coisas, foi uma censura indevida, grosseira e injusta para um freguês e um estúpido desejo de inimizade para o outro. Porque dos pequenos sintomas se pode avaliar as grandes doenças, porque das pequenas ações se pode adivinhar as grandes.

— Ora isto acontece em todos os outros jogos, e quando o criado não tem a coragem de exteriorizar como o indicado, fica, no seu íntimo, quasi que a praguejar pelo insucesso da esmola maior.

— Casos esporádicos — aventamos... — Não senhor, em geral, é assim. Não é, porém, só nos cafés que se dá isto. Vamos aos hotéis. São casos dos mesmos que conheço, passados comigo e outros contados por colegas meus, nesses cafés espeluncas onde nesta quadra de inverno o pessoal desempregado se junta e faz a história dos factos passados nos hotéis das praias e termas.

Um hóspede, que se fazia acompanhar da esposa e de uma filha, já mulher, depois de num certo dia, haver terminado o almoço, pediu contas ao chefe,

retirando-se para o seu quarto, enquanto o referido chefe se dirigia para o escritório. Momentos após, aquele empregado batia à porta do quarto do hóspede, entregava-lhe a conta e recebia a gorgeta. Mas o chefe não ficou contente com a esmola, e ficou muito bruto, fez a nota em pedaços, atirando-os para a família hospedeira, esta repartiu nos fragmentos da nota, alguns em ahi de espanto e muitos de córa. Tinha compreendido o gesto insolente e eu tive pena dele, porque na ocasião eu presenciava este acto. Mal a minha mãe próxima desta cidade quando um outro chefe já entregava uma conta no montante de 800\$00, encontrou o freguês num patamar, e entregou a importância devida e mais \$50 de gorgeta, por não poder, talvez dar mais na ocasião. Quando ia a desviar-se para o lado, o hóspede, pesando os 60 anos, desequilibrado e a rolar pelas escadas, feriu-se gravemente no nariz. Era humano que o chefe acudisse com o socorro, prestasse-lhe os primeiros cuidados; mas não, fugiu, riu-se, pelas escadas acima, e dizendo à família do freguês — 3 senhores e um filho — que se abeirara dele e fez-lhe perguntas aflitivas «não sei, calui», retirando-se por outro lado de escada. Eu, que apareci no momento do desastre, conduzi para um lavatório próximo do pobre do velhete. Passados momentos, estava eu, o ferido e a sua família, numa dependência qualquer do hotel; chegando, apressado, o chefe, disse-me: «Não se preocupe, não se preocupe, a gorgeta não morreu! Imagine o efeito que esta pergunta causou naquela família! Tudo isto porque? Porque o hóspede só tinha dado de gorgeta \$50...» Alí está o tal serviço bem feito, tal estímulo, a tal estímulo de que tal sr. Eugénio de Almeida: o serviço bem feito para quem mais dele se estimula do ranço para quem não dá mais largas na esmola, a emoção que faz perder o sentimento de humanidade para se passar a ter instinto de animal feroz... Eis o resultado do sistema da gorgeta.

E a um gesto de assembramento: — Não se exagere. Há muitas coisas a contar, a desvendar, como, por exemplo, o lápis mágico, que regula a situação financeira do empregado e que a gorgeta faz no empregado; sim, a gorgeta faz do hipocrisista, do insincero, do homem repressivo e por vezes cômico, que se quebra em curvaturas de espinha e esmaltações semelhantes às cortezias dum praça de touros. O sorriso neta nasce da alma, sai-lhe do apetite do interesse mais cego e que não conhece ninguém, ficando-lhe os olhos murchos que está na bandeja e que desce para a mão do freguês. A gorgeta, pois, tem este condão mágico: o de desdobrar o indivíduo num outro, o de substituir um tipo de homem por outro tipo, que, se fosse bem conhecido do freguês, ele revoltar-se-ia, certamente, e a gorgeta, contra a gorgeta. Justificamos-nos...

E o nosso entrevistado fez uma pequena pausa, como quem está a recordar-se de factos que não lhe ocorrem à memória com a rapidez desejada. — Uma noite estavam dois fregueses a jogar as damas. Um costumava dar de gorgeta \$50, o outro apenas \$10. Entre os dois ficou combinado que aquele que perdesse pagaria a gorgeta. Quis a sorte que perdesse o \$10. Era de esperar que o criado ficasse fulminantemente satisfeito por ter ganhado aquele que mais costumava brindá-lo com esmola mais elevada, e não é verdade?

— Sim, pelo menos não concebemos outra coisa, disse-me nós. — Mas, qual que! sucedeu exactamente o contrário. Quando o da gorgeta de \$10 pagava a despesa, muito facilmente se tornava o empregado a dizer: «Preferia antes que o outro senhor perdesse...» Porquê? — pergunta-lhe o pagante. — Porque se o outro perdesse, era ele que teria que pagar e eu receberia \$50 de gorgeta e não \$10.

— Vistas bem as coisas, foi uma censura indevida, grosseira e injusta para um freguês e um estúpido desejo de inimizade para o outro. Porque dos pequenos sintomas se pode avaliar as grandes doenças, porque das pequenas ações se pode adivinhar as grandes.

— Ora isto acontece em todos os outros jogos, e quando o criado não tem a coragem de exteriorizar como o indicado, fica, no seu íntimo, quasi que a praguejar pelo insucesso da esmola maior.

— Casos esporádicos — aventamos... — Não senhor, em geral, é assim. Não é, porém, só nos cafés que se dá isto. Vamos aos hotéis. São casos dos mesmos que conheço, passados comigo e outros contados por colegas meus, nesses cafés espeluncas onde nesta quadra de inverno o pessoal desempregado se junta e faz a história dos factos passados nos hotéis das praias e termas.

Um hóspede, que se fazia acompanhar da esposa e de uma filha, já mulher, depois de num certo dia, haver terminado o almoço, pediu contas ao chefe,

retirando-se para o seu quarto, enquanto o referido chefe se dirigia para o escritório. Momentos após, aquele empregado batia à porta do quarto do hóspede, entregava-lhe a conta e recebia a gorgeta. Mas o chefe não ficou contente com a esmola, e ficou muito bruto, fez a nota em pedaços, atirando-os para a família hospedeira, esta repartiu nos fragmentos da nota, alguns em ahi de espanto e muitos de córa. Tinha compreendido o gesto insolente e eu tive pena dele, porque na ocasião eu presenciava este acto. Mal a minha mãe próxima desta cidade quando um outro chefe já entregava uma conta no montante de 800\$00, encontrou o freguês num patamar, e entregou a importância devida e mais \$50 de gorgeta, por não poder, talvez dar mais na ocasião. Quando ia a desviar-se para o lado, o hóspede, pesando os 60 anos, desequilibrado e a rolar pelas escadas, feriu-se gravemente no nariz. Era humano que o chefe acudisse com o socorro, prestasse-lhe os primeiros cuidados; mas não, fugiu, riu-se, pelas escadas acima, e dizendo à família do freguês — 3 senhores e um filho — que se abeirara dele e fez-lhe perguntas aflitivas «não sei, calui», retirando-se por outro lado de escada. Eu, que apareci no momento do desastre, conduzi para um lavatório próximo do pobre do velhete. Passados momentos, estava eu, o ferido e a sua família, numa dependência qualquer do hotel; chegando, apressado, o chefe, disse-me: «Não se preocupe, não se preocupe, a gorgeta não morreu! Imagine o efeito que esta pergunta causou naquela família! Tudo isto porque? Porque o hóspede só tinha dado de gorgeta \$50...» Alí está o tal serviço bem feito, tal estímulo, a tal estímulo de que tal sr. Eugénio de Almeida: o serviço bem feito para quem mais dele se estimula do ranço para quem não dá mais largas na esmola, a emoção que faz perder o sentimento de humanidade para se passar a ter instinto de animal feroz... Eis o resultado do sistema da gorgeta.

E a um gesto de assembramento: — Não se exagere. Há muitas coisas a contar, a desvendar, como, por exemplo, o lápis mágico, que regula a situação financeira do empregado e que a gorgeta faz no empregado; sim, a gorgeta faz do hipocrisista, do insincero, do homem repressivo e por vezes cômico, que se quebra em curvaturas de espinha e esmaltações semelhantes às cortezias dum praça de touros. O sorriso neta nasce da alma, sai-lhe do apetite do interesse mais cego e que não conhece ninguém, ficando-lhe os olhos murchos que está na bandeja e que desce para a mão do freguês. A gorgeta, pois, tem este condão mágico: o de desdobrar o indivíduo num outro, o de substituir um tipo de homem por outro tipo, que, se fosse bem conhecido do freguês, ele revoltar-se-ia, certamente, e a gorgeta, contra a gorgeta. Justificamos-nos...

E o nosso entrevistado fez uma pequena pausa, como quem está a recordar-se de factos que não lhe ocorrem à memória com a rapidez desejada. — Uma noite estavam dois fregueses a jogar as damas. Um costumava dar de gorgeta \$50, o outro apenas \$10. Entre os dois ficou combinado que aquele que perdesse pagaria a gorgeta. Quis a sorte que perdesse o \$10. Era de esperar que o criado ficasse fulminantemente satisfeito por ter ganhado aquele que mais costumava brindá-lo com esmola mais elevada, e não é verdade?

conservação de cortices; a verba diária para quebrar de louças (para-se ou não) a percentagem de 4 a 6 % para trocos; a verba mensal, para uns proprietários, como imposto de trabalho, quando não se auferia salário; e para outros patrões, e sob a mesma forma de trabalho; 50 % das gorgetas! Há vinte anos, quando os cafés não eram um filão como agora, o pessoal tinha refugio da casa e estava livre de qualquer encargo; hoje não só não tem refugio, como está onerado de impostos... patronais, com a responsabilidade ainda de ter de pagar os metais que desparecem e as bebidas que os fregueses não paguem. A eliminação da gorgeta, pois, não convém ao sr. Eugénio nem aos patrões, porque ela paga o lucro dos seus estabelecimentos, que tem sempre todo novo à custa do freguês e dos empregados, que por cima, com os recursos incertos, são obrigados a ocupar a casa ou o smoking... Um negócio da China. Em alguns, muitos restaurantes, o mesmo.

Em diversos hotéis o pessoal tem ordenado, mas tem irrisório, que não vale a pena mencionar; contudo, incluindo o pessoal da cozinha, trabalham 16, 18 e 20 horas! Mais um exemplo: no restaurante Caminho paga-se 12000 mensais de imposto de trabalho para trabalhar, sem ordenado prefixo, sem casa, sequer, é preciso pagar-se. E o ámulos... das democracias!

E conclui o nosso entrevistado por afirmar, com entusiástica convicção: — O que convém é estabelecer, criar um novo tipo de empregado, instruído, educado, que procure servir com a friatura que tem interesses, mas nunca o mendigo que fica de olhos esbaulhados ao contemplar a carteira para a mão do esmolter, que a tirou do bolso para lhe dar uma nota. Pagamento do trabalho e não gorgeta; percentagem e não esmola. E os patrões, merecedores, devem aproximar-se desses valores e do seu pessoal, reconhecendo-lhe os seus direitos. Os novos aprendizes devem, pelo menos, ter uma educação primária. Levantada, assim, a classe da imoralidade em que está, esta, nos seus sindicatos organizados em classes de ensino técnico e de francês e inglês, que os patrões já não poderiam hostilizar. Isto é que é bom serviço...

Estava terminada a conversa e retirámo-nos, e se não acrescentamos mais argumentos por nossa conta, é porque os apontados são suficientes.

C. V. S.

Caminhos de Ferro do Estado

Pela comissão administrativa dos Caminhos de Ferro do Estado autorizou o dispêndio da quantia de 10 mil escudos com os trabalhos a realizar na ponte de Alcácer do Sal.

MÚSICA

CONCERTOS

Festa artística do maestro Fão

Tarde de festa a do domingo no Politeama. O regente Fernandes Fão, fez a sua festa artística em concerto da sua orquestra. Programa variado, com atractivos diversos, a concorrência do público, chamado por ele, foi colossal, não existindo nos últimos dias um único bilhete à venda.

Como está provado à saciedade que um bom organizador de concertos não se deve esquecer de incluir números de música russa. Foi devido à execução da Scheherazade de Korskov e a «Madrada de Moscovo» de Tchaikowsky, que originou prolongados aplausos.

Da sua lava Fão poz na sua orquestra, por ele musicado, o poema de Alfredo Savagem «Sylmires», a que os executantes deram grande relevo.

O clou da festa consistia, porém, na audição de trechos do «Freischütz» e do «Tristão e Isolde» e a que a illustre cantora do S. Carlos, deu grande brilho de vocalização, entusiasmando os ouvintes; e a inspiradíssima composição sinfónica «Al tempo che fu» do maestro Vittorio Gui, que com tanta maestria vem regendo a orquestra de S. Carlos. Foi justamente apreciado, sendo o grande músico chamado ao palco, tributando-lhe o público uma colossal ovação.

Para domingo 5 o maestro Fão preparou novo concerto que dedica à memória do malogrado David de Sousa, seu antecessor na regência da orquestra.

Agressão

No Banco do Hospital de S. José recebeu curativo Damião Barbosa, de 24 anos, natural de Alemquer, marítimo, e residente na rua das Farinhas, 22-1.º, que no largo do Terreirinho foi agredido com uma facada no pescoço por um indivíduo com quem se envolvia da desordem.

Rendimentos dos operários

Depois de receber os primeiros socorros no posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço recolheu à enfermaria de Santo António do Hospital de S. José, Francisco Alves, de 30 anos, natural do Fundão, trabalhador da Exploração do Porto de Lisboa e residente na rua de S. Ciro, 40-2.º, que nos armazéns de Alfândega deu um queda fracturando a perna esquerda.

Teatros

Notícias

A distribuição da peça *Carta anónima*, que sobe depois de amanhã à scena, no Nacional, em 5.ª recita de assinatura, é a seguinte:

Gonçalo, Rafael Marques; Artur, Clemente Pinto; Arroio, Jorge Grave; Barão de Castilho, Luís Leitão; Caracala, António Nascimento; Vitória, Ilda Sticchia; Izabel, Helena de Castro; Penha, Irene Grave; Helena, Ana de Oliveira.

Activam-se no Apolo os ensaios da revista de *Capote e Leno*, que all vai a scena nas 4 noites de Carnaval, sendo, a noite da estreia a de sexta-feira 24, em festa do exímio electricista do teatro, Castello Branco Sariva.

Passa-se em Santenay do Vendemois a acção da peça de Coolus e Henequin, tradução de Vasco de Oliveira, Amor, a quanto obrigas, que amanhã sobe a scena, em 6.ª recita de assinatura, no Politeama, com destino aos estalactos do Carnaval. A peça foi dos maiores êxitos de Paris e está entregue aos melhores artistas da companhia.

— E' hoje que se efectua no Politeama, a recita dos secretários da empresa Luis Pereira, rapazes estudados em todos os meios pela estabilidade do tracto e excepção qualidades de carácter. A peça escolhida foi a 8.ª *Mulher de Barba Azul*, um dos grandes êxitos da temporada, que pela última vez sobe a scena. A quantidade dos bilhetes vendidos e o entusiasmo que o espectáculo está despertando deixam prever uma grande e legítima enchente.

CARTAS DO DIA

S. CARLOS — A's 20.30. — «Aida». NACIONAL — A's 20.30. — «O Centenário». S. LUIS — A's 21. — «A Moreninha». POLITEAMA — A's 21.30. — «A 8.ª mulher de Barba Azul». APOLO — A's 21.15. — «Dia de Juízo», revista.

AVENIDA — A's 21.30. — «Miss Diabolo». CHIADE TARRASSE — A's 21. — «O Jai de Fora». EDEN — A's 20.30 e 22.30. — «O 31.ª revista». FOZ — A's 20.30 e 22.30. — «Bichinha gata...» revista.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 20.45. — Companhia de circo. CONDES (Avenida). — Animatógrafo. PROMOTORA (ao Calvário). — Animatógrafo.

A BATALHA na provincia e arredores

Almada

Organização operária

Reuniu o núcleo dos operários manufatureiros de calçado, com o fim de deliberarem se o núcleo devia passar a um sindicato.

Usou da palavra o camarada Manuel da S. Campos que fez varias considerações sobre o assunto demonstrando a necessidade de todos se organizarem fortemente. E depois as bases de estatutos elaborados pela C. G. T., e que devem servir de base aos estatutos de todo e qualquer sindicato, com o que a assembleia concordou.

Os referidos estatutos ficaram para serem discutidos na próxima reunião, isto a conselho do secretario geral da U. S. O., local, ficando a ser Sindicato dos Operários Manufatureiros de Calçado de Almada.

São depois nomeados os camaradas José Bernardino Lopes, João Cardoso e Augusto Manuel, delegados à U. S. O., e Antonio Augusto Salgado e Joaquim Celestino, delegados à sua federação de industria.

Em seguida o camarada Campos, delegado da federação, trata da situação económica dos componentes do novo sindicato, produzindo uma bela oração educativa. Diz-se que o sindicato que acaba de ser organizado tem o dever moral de primeiro olhar pela situação das camaradas ajuntadeiras, que estão ganhando salários irrisórios.

Em seguida o camarada Negocio faz varias considerações. Sabe que as camaradas querem reclamar aumento de salário.

No entanto entende que se deve primeiro adquirir a consciência sindical e revolucionária precisa, para depois se enfrentarem todos os problemas que a classe operária deve respeitar.

E' necessário ter-se o espirito de sacrificio necessário para na época actual se poder lutar com vantagem com a burguesia.

E' preciso pugnar primeiro por regalias de carácter moral para se poderem impor pela sua dignidade. Ficou assento que na próxima reunião, se nomeie a comissão de melhoramentos para tratar de todos estes assuntos.

Declaração

O camarada Calica pede-nos para tornar publico que a festa promovida para auxiliar Zulmira Santos viuva do camarada Francisco Calazans, tem 247 escudos de receita e 68\$16 de despesa.

O produto liquido que foi de 178\$84 foi entregue à viuva. — C.

Aljustrel

Tentativa frustrada

Nas minas desta localidade o engenheiro François pretende atropelar as 8 horas de trabalho, ordenando a alguns operários metálicos que comecessem o trabalho na mina, às 7 horas. Assim passaram a entrar uma hora mais cedo e continuaram cessando o trabalho às 17 horas. Os operários recusaram-se a obedecer à despótica ordem do engenheiro, alegando que não deixariam de cumprir o horário de trabalho. Então o tiranete, por vingança, suspendeu por três dias 7 camaradas que andavam conduzindo um motor e varias peças para as minas. Este gesto é demonstrativo do estolmo moral do engenheiro François. Como não pôde conseguir os seus fins, vingou-se em sete camaradas, reduzindo-lhes a fêria, visto que os suspendeu três dias.

Viana-do-Castelo

Em resposta

Provocou uma parte da minha última correspondência um esclarecimento da Federação da Construção Civil e ao qual sou obrigado a responder com um

ACIARANDO

Nas apreciações que eu fiz a propósito das dificuldades na constituição do sindicato único, assim como no restante, longe de mim fazer deprecições a qualquer organismo, mas sim relatar parte dos factos que constituem a deficiência de tal constituição, e até a intrinseca que existe entre as classes dessa industria e que, saiba-a a Federação, tem custado alguns esforços ao autor destas linhas, que se não tem conseguido extinguir de todas essas rivalidades, tem, pelo menos, evitado que se agravem.

O único contra-veneno para oppor aos que vê a Federação, seria a existência de militantes, neste meio, com as aptidões necessárias para orientar e, sobretudo, dispostos a muito trabalhar. Ora, não sendo os operários dessa industria residentes na cidade, não se faz sentir sobre eles a influencia dos raros militantes de outras indústrias, o que já serviria de muito.

Sobre isto, que não culpamos a Federação da Construção Civil, fica de pé tudo quanto dissemos e não recamos desmentido; no restante, o correspondente de *A Batalha*, — embora por lá

já batesse um ano — não foi a Lisboa conversar com o preso, que nem conhece, não faz a correspondência, nem a recebe, da Federação da Construção Civil, limitando-se a escrever informações, assim como o que presenciamos, obtidas na sua fonte principal.

Se empregamos a palavra *política*, foi esse o termo aplicado e queriam com elle designar a divergência que existia entre a Federação e Confederação.

Tudo isto devia ver a Federação se reparasse que a nossa correspondência terminava assim: «Quanto a nós julgamos que ainda não é caso para isso e, sobre o restante, ou seja sobre o preso, é caso que deve ser esclarecido pela Federação».

Compramos dizer à Federação da Construção Civil que, forçando-nos o nosso carácter a ser o mais exacto possível, mas escrupulosamente o fazemos para o jornal do qual muito nos honramos em ser correspondente. — C.

Cacém

O Carnaval

Apesar da terrível carestia da vida, ainda há quem tenha vontade de se divertir. Assim, alguns engragados de mal gosio tem-se por aqui divertido, alta noite, incomodando os moradores, pois tem chegado ao ponto de arrombarem as portas.

No entanto as autoridades da terra não nos a impressão de que não existem.

Futebol

Jogaram hoje um desafio o «Metallurgica Futebol Clube» de Lisboa, e o «Aguilva Futebol Club», daqui.

O jogo foi animado, apresentando por vezes algumas fases interessantes, terminando num empate por 3 a 3.

O «placard» que *A Batalha* de hoje publicou, encontra-se aqui afixado. Pensamos que por aqui impere o analfabetismo. — C.

Trabalhadores: Lede e propague a BATALHA

Desaparecido

Desde segunda-feira da passada semana que não se sabe do paradeiro do camarada José Nunes, de 32 anos, estudante, natural do Porto, que trabalhava em Santo Amaro, e que tinha vindo daquela cidade há cerca de seis semanas.

Pede-se a quem saiba onde aquele camarada se encontra para o comunicar para o Sindicato Unico da Construção Civil, Calçada do Combro, 38-A, 2.º.

Federação Africana de Lisboa

A assembleia plenária dos delegados das comissões politicas e comissões de relações da Federação Africana de Lisboa, procedeu ontem à eleição da nova comissão executiva da Federação Africana de Lisboa que deu o seguinte resultado:

Presidente, dr. António Barja Santos, por 153 votos; 1.º secretario, Nicolau de Assumpção, por 151 votos; 2.º secretario, Joaquim de Fátima, por 149 votos; tesoureiro, Bruno de Magalhães, por 143 votos; vogal, Bernardo Moreno Fernando, por 141 votos.

Quanto da posse realizou-se na terça-feira, 21, pelas 9,30 da noite, na sede da Junta de Defesa dos Direitos da Africa.

Casa dos Trabalhadores

A comissão nomeada na reunião de delegados convida os organismos que tenham em seu poder quaisquer quantias para a Casa dos Trabalhadores a participarem a esta comissão afim de serem tomadas as devidas notas.

Instrução

Foram nomeados professor efectivo do 5.º grupo do liceu de An

A semana de "A Batalha"

Para comemorar o terceiro aniversário do porta-voz da organização operária portuguesa, resolveu a comissão administrativa deste jornal organizar.

A SEMANA DE "A BATALHA"

CONTANDO COM O VALIOSO CONCURSO DO OPERARIADO PORTUGUÊS

O primeiro acto de solidariedade do operariado para com A BATALHA deve ser manifestado com simplicidade, afixando nas paredes, em lugares bem visíveis, este "placard".

Que os sindicatos organizem quetes nas oficinas e nos campos a favor de A BATALHA!

Trabalhadores, vendedores da imprensa, desenvolvei a venda e a expansão de A BATALHA!

Operários, acorrei na vossa máxima força às palestras, conferências e sessões de propaganda de A BATALHA!

Tornai brilhante, grandiosa e útil

A SEMANA DE A BATALHA

Máquinas e Ferramentas

Para as indústrias,
para a agricultura
e para as colónias

Instalações completas de:

Fábricas de moagem, descasque de arroz, massas, serração, carpintaria, cerâmicas, conservas, fição, tecidos, gelo, refrigerantes, adubos, papel e outras indústrias.
Lagares de azeite "PIETRO VERACI".
Motores a gaz pobre de 8 a 300 H. P. "PAXMAN".
Tractores "CASE" com as respectivas charruas "Grand-Dépot".
Tractores "Os tractores que obtiveram o 1.º premio e medalha de ouro no concurso de Lincoln em competecia com 38 outros concorrentes."
Locomoveis, com fornalha propria para queimar lenha, "PAXMAN".
Motores a oleos pesados "DIESEL" e SEMI-DIESEL.
Jogos de debulha "PAXMAN".
Enfardadeiras "STEPHENSON".
Máquinas de vapor, fixas, semi-fixas e caldeiras "PAXMAN" de todas as forças.
Cilindros, gadanheiras, "DEERING".
Respiçadores e grades de dentes de mola.
Cultivadores e semeadores "PLANET".
Corta-feno simples e para ensilagem.
Trituradores para rações e cereais.
Desintegradores "CARTER".
Bombas centrífugas, aspirante-pressantes rotativas, Colúmbia, de ferro e relógio.

Sem excesso de reclame, a casa que tem em armazem não só os maquinismos que anuncia, mas ainda muitos outros que pela sua diversidade é impossível especificar. Para comprovar o que afirmamos, convidamos os nossos ex.ºs clientes a visitar os nossos armazens

Fornecem-se propostas e orçamentos

Eduardo Pinto de Sousa & C.ª, L.ª

Telef.: C. 193 e 2288 — 74, Rua 24 de Julho — End. telegr.: Mecânica-Lisboa

Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes
Cura rapidamente

Catarrhos, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, resquidão, e apanes a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desloca profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais pratico dos inaladores.
2.º Usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a carie dentária e por todas as pessoas que tem de suportar óculos duros porque as defende de contágios perigosos.
3.º São usadas pelas pessoas doentes, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicas, porque limpando o pigarro, abrem a via e permitem-lhes a respiração regular.
4.º Limpando o pigarro, combatem a rouquidão, aliviam a voz e fortalecem as cordas vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em publico.

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenção a acção nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convive, evitando o cancro e o castanho queimado.
6.º Despalpaço o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando o surrimento cerebral. Usadas por todos os que pensam muito.
7.º Usadas pelas que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o fumo saúda o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, partilhando-as das doenças contagiosas, ta como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, gripe, angina, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos
Fórmula n.º 3 (fortissimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com selo VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

O BRIC A' BRAC DE ALCANTARA

DE: JOSÉ JOAQUIM NICOLAU VERISSIMO

37, Rua de Alcantara, 37 Sucursal: 111, Rua do Livramento, 113

LISBOA

COMPRA E VENDE E TROCA MOVEIS NOVOS E USADOS e diferentes objectos

Palha de milho, K.º 45 civis, fina, K.º 570 civis. — Lenha, K.º 508 civis.

5 cto de desconto aos assinantes de A BATALHA



VÃO A

Sapataria S. Roque

VER

Grande sortido de calçado que esta

casa tem para a estação do inverno

Bota branca, forma broa

e americana, desde: 13\$75

Bota calf pret com solado

de borracha, a: 37\$00

Bota calf cor, forma mo-

derna e broa: 26\$50

Bota branca para rapaz.

Sapatinhos de verniz para

criança à bebé, desde: 2\$50

Grande saldo

Botas em calf, pretas,

botas calf cor, sapatos

de verniz para homem

tudo a: 20\$00

Calçado de luxo

para homens, senhoras e crianças

Ultimos modelos

Preços convidativos

Fazem-se concertos. Venda por

atacado e a retalho

Fornecedores dos empregados

dos Caminhos de Ferro Portugue-

ses e da Sul e Sueste, e da Co-

operativa dos Empregados do "Di-

ário de Noticias".

Queiroz L. da

L. Trindade Coelho, 17

(Antigo L. de S. Roque)

Trabalhadores: Lede e propaga

A BATALHA

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mesclas em cores lindissimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole,

novo modelo americano,

muito elegante,

só na Cooperativ

A SOCIAL

ESPECIALDE

EM CHAPEUS

DE SEDA

E

FLAMÃO



Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jaurès (Exclusivo)

Ninguém segure prédios ou mobílias
contra incêndio, sem consultar



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.696\$14,7

SEDE EM LISBOA

Rua Garrett, 95 — Tel. 4084

DELEGAÇÃO NO PORTO

R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

A Mundial, de acordo com um fortissimo grupo ressegurador, estabeleceu prémios para os seus segurados que DESAFIAM TODA A CONCORRENCIA, oferecendo a máxima das garantias, NÃO SOBRECARREGA os segurados com quaisquer ADICIONAIS para impostos, que são integralmente pagos pela Companhia, nem com custo de apólices. Segura também contra INCENDIO E ROUBO numa só apólice.

AGENCIAS EM TODO O PAIS

Obras de literatura, sciência e ensino

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

Adolfo Lima. — Educação e ensino. 18\$00

Alfred Bihet. — A alma e o corpo. 18\$00

Alfredo Neves Dias. — Razão (po-

meta social). 18\$00

Benedetti. — Arte de estudar. 18\$00

Benuzzi. — Crisólido e vida. 18\$00

Brussel. — A vida social. 18\$00

Celestino de Sousa. 18\$00

Araxes da História. 18\$00

Clomence Jacquinot. — História Uni-

versal (2 vol.). 18\$00

Olson. 18\$00

Organismo económico e desordem

social. 18\$00

Dante. 18\$00

A sciência e a vida. 18\$00

Mecânica da vida. 18\$00

Dastre. — A vida e a morte. 18\$00

Deno. — Descendimentos do macaco. 18\$00

Deschambert. 18\$00

Jesus de Nazareth. — A moral da Na-

tureza. 18\$00

Ernesto da Silva. — Teatro livre e

Arte social. 18\$00

Faguet. 18\$00

Iniciação literária. 18\$00

Arte de ler. 18\$00

Horror das responsabilidades. 18\$00

Faria de Vasconcelos. — Problemas

escolares. 18\$00

Flamarion. 18\$00

Iniciação astronómica. 18\$00

Astronomia popular. 18\$00

Curiosidades astronómicas. 18\$00

Gorki. 18\$00

Os degnerados. 18\$00

Os vagabundos. 18\$00

Scenas de família (teatro). 18\$00

Ibsen. — Os espectros (teatro). 18\$00

Jaime Cortesão. — Adão e Eva (ta-

tro). 18\$00

Jean Gruet. — A vida do direito. 18\$00

Jean Finot. — A Sciência da Felici-

dade. 18\$00

Laisant. — Iniciação matemática. 18\$00

Le son. — Evolução geral da vida. 18\$00

Luiz Buchner. — Na aurora do século

XX. 18\$00

Manuel Ribeiro. 18\$00

A Catedral. 18\$00

Imperiosa verdade. 18\$00

O sentido de viver (verbas). 18\$00

Mirbeau. 18\$00

O Jardim dos Suplicios. 18\$00

Memórias duma criada de quarto. 18\$00

Neno Vasco. — O Pecado de Simão. 18\$00

Reinach. — História das religiões. 18\$00

Reinach. — A justiça. 18\$00

Sirius. — A vida. 18\$00

Timothéon. — Não creio em Deus. 18\$00

Toilette. 18\$00

Sonata de Kreutzer. 18\$00

O conto de cianet. 18\$00

Ultimas palavras. 18\$00

Tomás da Fonseca. — Sermões da

Montanha. 18\$00

Toulouse. — Como se deve educar o

espírito. 18\$00

Vitor Hugo. 18\$00

França e Belgica (2 v.). 18\$00

Has d'Almeida (2 vol.). 18\$00

Novata a três (3 vol.). 18\$00

O homem que ri (3 vol.). 18\$00

O Reno (3 v.). 18\$00

O ultimo dia de um condenado. 18\$00

Zola. 18\$00

Alegria de viver (2 vol.). 18\$00

A conquista de Pissanga (2 vol.). 18\$00

A fortuna dos Rougou (2 vol.). 18\$00

O ar ministro. 18\$00

A taberna (3 v.). 18\$00

Paraiso das Damas (2 vol.). 18\$00

Teresa Raquin. 18\$00

ARMAZEM APOLO

30, Rua do Amparo, 34

BARBEITOS & LEÃO

Participam a todos os amigos e cama-
radas que tomaram a gerência daquele
armazem, onde se encontra um grande
e variado sortimento de artigos de

Chapelaria e Sapataria

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C.ª L.ª

Telefones (central) 2778 e 3478
gramas Ferrame

Ferramental completo para todos os officios
Ferreiros de todas as qualidades, chapas de ferro,
latão, zinco, chumbo e armas diversos.
Carros, vagonetas e todos os pertences de material
"Decauville".

22, Largo de S. Julião, 23

Rua Nova do Almada, 1, 3 a 7

LISBOA

Nic olau Gomes Correa

ALFAIATE-MERCADOR

Grande sortido de lãfinicos pin
homem e senha
ra, comprados
rectamente em
fábricas, o q
le permite ver
der mais barã
Grande variedade de sobrep
dos e capas l
alemtejana. C
sacos para senh
ra já confecio
nados.

AVIAMENTOS
PARA ALFAIATE

Rua dos Fanqueiros, 255

Compahnia Nacional de Navegação

Linha regular de navios em três semanas
entre a Metrópole e as Colónias
Portuguesas

Vapor PORTUGAL

Sairá em 28 do corrente para Leixões.

Vapor PORTUGAL

Sairá no dia 15 do Marco para Funchal,
Las Palmas, St. Vicente, Praia, P. do Pr
ncipe, S. Tomé, Cabinda, Zaire, Ambo
Loanda, Culo, B. Velha, (Ambrizete, Qui
sangá, Boma, Niqui, Minda, Landau,
Mucua e Mucua com transbordo na
Landau) Novo Redondo, Lobito, Bengo
Mossamedes, B. dos Tigres e P. Alexandre

Para carga, passageiros e mais esch
recimentos, dirigir-se aos escritórios d
Compahnia Nacional de Navegaçã
EM LISBOA: R. do Comércio, 85
NO PORTO: R. da Nova Alfândega 42

Trabalhadores: Lede e divulga

A NOVELA VERMELHA

Preço \$20 centavos